

Apresentação do dossiê *O mar no imaginário religioso: cultos, espaços e representações*

ANTÓNIO CAMÕES GOUVEIA* | GONÇALO MELO DA SILVA** | JOÃO LUÍS INGLÊS FONTES*** | MARIA FILOMENA ANDRADE****



* NOVA FCSH - CHAM - Centro de Humanidades;
Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa (UCP - CEHR), Portugal
 <http://orcid.org/0000-0002-6053-7411>
acamoosgouveia@gmail.com

** IEM - NOVA FCSH
 <http://orcid.org/0000-0003-4880-094X>
gmsilva@fcsch.unl.pt

*** NOVA FCSH - IEM;
Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa (UCP - CEHR), Portugal
 <http://orcid.org/0000-0002-7122-4357>
joalfontes@hotmail.com

**** Universidade Aberta;
Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa (UCP - CEHR), Portugal;
IEM - NOVA FCSH
 <https://orcid.org/0000-0001-7771-8844>
maria.andrade@uab.pt

O Mar Oceano tem sido, ao longo da História, uma presença constante que advém, em grande parte, do seu papel de veículo e de meio de ligação entre povos e civilizações mas também de espaço de criação e de sustento das populações, gerando assim sentimentos contraditórios de esperança e de medo naqueles que o cruzam ou que dele vivem. Espaço de fronteira entre a ordem e o caos, caminho de aproximação entre os povos, mas origem também de invasores e inimigos, fonte de alimento e de fruição, mas também terrível na força e violência das ondas e marés, sinal paradoxal de vida e de morte, o mar ligou-se, por isso, desde cedo, à dimensão da experiência religiosa, da percepção do mistério, do transcendente, do sagrado.

Têm sido muitos os investigadores, nacionais e estrangeiros, a dedicar-se ao estudo da relação entre o mar e o religioso, em diferentes períodos cronológicos, sistemas religiosos e culturais e com diversificadas perspetivas de análise¹. Ele

1 Sendo a bibliografia extensa neste domínio, limita-nos apenas a referir alguns exemplos: Luís Krus – O imaginário português e os medos do mar. In *A descoberta do homem e do mundo*. Org. Adauto Novaes. São Paulo: Ministério da Cultura, Fundação Nacional de Arte, Companhia das Letras, 1998, p. 95-105; *O Atlântico: a memória de um Oceano*. Vol. 1: *Do Imaginário do Atlântico ao Atlântico Imaginado*. Ed. Luís Adão da Fonseca. Porto: Banco Português do Atlântico, 1993; José Mattoso – O Imaginário Marítimo Medieval. In *Naquele Tempo. Ensaios de História Medieval*. Lisboa: Temas e Debates

acompanha a renovação profunda vivida pela historiografia e pelas restantes ciências sociais desde meados do século XX, permitindo também, entre nós, ultrapassar as abordagens apologéticas ou ideológicas associadas ao endeusamento da expansão portuguesa como sinal de um desígnio nacional. Basta relembrar, no caso português, como a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, celebrada em 1983 em torno do tema “Os Descobrimientos Portugueses e a Europa do Renascimento” revelou uma riqueza insuspeita de testemunhos artísticos associados ao mar, entre os quais muitos de cariz litúrgico ou devocional. Ou as muitas publicações que no contexto das Comemorações dos Descobrimientos Portugueses trouxeram, na década seguinte, novas fontes e estudos essenciais a uma melhor compreensão desta fecunda relação entre o mar e a dimensão religiosa.

Os textos que se reúnem neste volume dedicado ao “mar no imaginário religioso: cultos, espaços e representações” apresentam a visão de investigadores jovens e seniores provenientes de diferentes áreas, desde a Literatura à História, passando pela Antropologia. Coloca-se, assim, em evidência a vantagem de um olhar interdisciplinar a fim de responder com maior eficácia a um conjunto de problemáticas clássicas e inovadoras que se revelam transversais no tempo e no espaço: a oposição entre a visão realista e maravilhosa do mar; a presença do mar nos mitos genesiácos; o mar como via de disseminação da mensagem religiosa; o mar como espaço de fuga do mundo; via para alcançar o paraíso, mas também via pela qual o sagrado penetra a terra; a procura do auxílio divino para ultrapassar os perigos da viagem marítima; a sacralização do mar.

Contudo, ao contrário de outras obras que incidem sobre um período histórico específico, este dossiê temático reúne um conjunto de textos que aborda o mar no imaginário religioso na diacronia, desde a Antiguidade pré-clássica até à atualidade, mas também em geografias e religiões distintas, desde a Egípcia à Cristã.

Em “O mar nos textos religiosos antigos”, José Augusto Ramos revela o papel e importância do mar como realidade que “atribui uma expressividade estrutural e totalizante” às narrativas antigas. Debruçando-se sobre os textos bíblicos, o autor dá-nos a conhecer o mar nas suas múltiplas leituras míticas e metafóricas, desde os mitos da criação e das narrativas que com ele se cruzam e que dialeticamente constroem o tempo da História.

e Círculo de Leitores, 2009, p. 223-236; Paulo Catarino Lopes – *O Medo do Mar nos Descobrimientos. Representações do Fantástico e dos Medos Marinhos no Final da Idade Média*. Lisboa: Tribuna, 2009; Alain Cabantous – *Le Ciel dans la mer, christianisme et civilisation maritime, XVIe-XIXe s.* Paris: Fayard, 1990; *Mondes marins du Moyen Âge*. Ed. Chantal Connochie-Bourgne. Aix-en-Provence: Presses de l’Université de Provence, 2006; Susan Rose – *The Medieval Sea*. London: Hambledon Continuum, 2007; Chet Van Duzer – *Sea Monsters on Medieval and Renaissance Maps*. London: British Library, 2013; *Ein Meer und seine Heiligen. Hagiographie im mittelalterlichen Mittelmeer*. Ed. Nikolas Jaspert, Christian A. Neumann e Marco di Branco. Paderborn: Wilhelm Fink, 2018; Fabio Rambelli – *The Sea and the Sacred in Japan Aspects of Maritime Religion*. London: Bloomsbury Academic, 2018.

O Antigo Egito, uma das mais importantes civilizações fluviais, marcado pela presença do rio Nilo, de cujas águas primordiais tudo ganhou vida, banhado ainda por dois mares, o mar Vermelho e o mar Mediterrâneo, tem no elemento líquido a gênese e o habitat das suas gentes. Guilherme Borges Pires no texto intitulado “O mar no imaginário religioso egípcio: contextos, representações e perguntas”, questiona estes elementos líquidos no que respeita ao seu carácter sagrado e à sua hierarquização face ao modo de vida das populações locais.

O contributo das narrativas literárias é fundamental para a compreensão do papel do Mar no imaginário medieval. Assim, Ana Paiva Morais, Lorena Pazos Romero e Carlos F. Clamote Carreto apresentam-nos três textos que pretendem responder a esta questão sob diferentes pontos de vista. Em “Desejar o paraíso terreal: construções do espaço marítimo no *Conto de Amaro*”, a primeira interroga-se sobre uma narrativa de *navigatio*, a de Amaro (texto do século XIV), que se desenvolve numa espacialização horizontal em que o mar é o elemento através do qual se busca o paraíso terreal.

Já Lorena Pazos Romero no texto “Trezenzonio, el mar y la isla del Solsticio: un viaje medieval hacia el Paraíso” (manuscrito existente no mosteiro de Alcobaça, possivelmente de meados do séc. XIII), apresenta o imaginário religioso que o mar e a ilha revelam ao longo da viagem do santo Trezenzónio.

Por último, Carlos F. Clamote Carreto em “Sacralidades fluidas: o mar e as fronteiras do conhecimento na ficção medieval” leva-nos para um campo de reflexão sobre as ambiguidades e simbologias do mar enquanto *locus* estranho, escorregadio e enigmático, onde irrompe o questionamento, na forma de milagre ou de maravilhoso, abordando o mundo, lugar de mutações, no limiar do “encontro” entre o sagrado e o profano. O autor termina com a questão que atravessa todo o seu discurso “será o mar representado pela narrativa ficcional (...) uma vasta metáfora do conhecimento?”.

No âmbito da História, em “God created, according to their kinds, the sea monsters and every living creature that moves in the waters: the centrality of the monstrous in medieval maritime imagination”, Paulo Catarino Lopes analisa a centralidade ocupada pelo monstro no imaginário medieval do mar, assim como a importância do seu papel na construção desse imaginário. Embora desde os finais da Idade Média a experiência de navegação no mar alto se tenha intensificado e tenham surgido várias propostas para sacralizar o mar, o receio e o medo gerado pelo monstruoso marinho continuaram a figurar no imaginário, pelo menos, até ao fim da modernidade.

Também Ana Paula Menino Avelar no seu texto intitulado “A cronística da expansão e os ecos de religiosidade na representação narrativa das viagens marítimas” revela a persistência de ancestrais medos e anseios entre os que protagonizaram

as grandes viagens de expansão marítima. A autora descreve e analisa as narrativas cronísticas que lhe deram voz, não apenas às descobertas, mas também aos medos e às devoções e práticas religiosas dos navegadores portugueses que cruzaram os mares e oceanos no início do século XVI.

O legendário de Fr. Diogo do Rosário é objeto da análise de Cristina Sobral em “O mar na hagiografia pós-tridentina (Fr. Diogo do Rosário, 1567)”, no sentido de perceber a função do mar numa coletânea hagiográfica pós-tridentina e interrogando-se se esta se mantém ainda medieval ou se, pelo contrário, nela já são visíveis os traços da modernidade e da religiosidade reformista.

Já na contemporaneidade, Francisco Oneto Nunes explora alguns aspectos da religiosidade popular nos universos marítimos. “Da indeterminação do mundo: os santos, o mar, a luz. Um ensaio de antropologia marítima” é um texto que mostra a relação das sociedades com o mar e nesta o papel do imaginário e da simbólica religiosa face à razão utilitária das populações e os seus usos e crenças.

Todos estes contributos são frutos das Jornadas Internacionais “O Mar no Imaginário Religioso: Cultos, Espaços, Representações” promovidas no âmbito da Cátedra UNESCO: *O Património Cultural dos Oceanos*, atribuída à Universidade Nova de Lisboa, numa colaboração entre as unidades de investigação nela envolvidas (o IEM - Instituto de Estudos Medievais; o CHAM - Centro de Humanidades; o IHC - Instituto de História Contemporânea; e o IELT - Instituto de Estudos de Literatura e Tradição) e o Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (UCP-CEHR). Procurando abrir um espaço de reflexão e debate sobre a relação entre o Mar e a Religião, um campo de estudo a muitos títulos rico e promissor, como o provam à saciedade os textos que agora se publicam, estas jornadas fazem parte de um projeto mais vasto em torno do(s) imaginário(s) associados ao mar, a prolongar-se ainda em dois outros encontros particularmente versados sobre os homens do mar e as suas realizações e, por último, as materialidades que, em contextos marítimos, concretizam e propiciam a ação humana e divina.

Se tal opção se justifica, desde logo, pelas potencialidades do tema para o conhecimento sobre o passado, ela constitui-se também como um importante contributo para a correta compreensão de problemáticas bem presentes no mundo em que vivemos, como a ligação do Homem com o mar (Década dos Oceanos 2021-2030 ONU) e o papel do mar na relação entre religiões e no diálogo inter-religioso. Tema sempre em aberto, o Mar e o que a ele se liga, quer pelo trabalho ou pelo lazer, quer pelo imaginário ou pelo simbólico, traz sempre a marca da presença humana na diacronia da história. É também aí que o religioso se inscreve como fenómeno de abertura ao transcendente e de compreensão da realidade.